



## DISCURSOS SOBRE O CORPO EM UM CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA<sup>1</sup>

Filipe Gabriel Ribeiro França  
Roney Polato de Castro

### RESUMO

*Este artigo pretende problematizar os discursos sobre o corpo de alunas do curso de Pedagogia a distância de uma universidade pública federal. Para tanto, utilizamos enquanto objetos de análise um fórum de discussão aberto em uma disciplina denominada “Educação Corporal”. Nessa disciplina buscamos promover reflexões que levem a uma compreensão do corpo enquanto construção social, cultural e histórica, conduzindo a uma crítica sobre as formas como a escola, o currículo e os artefatos pedagógicos vem tratando o corpo. Sendo assim, dedicamos duas semanas para as discussões sobre as perspectivas e representações de corpo na sociedade, pensando que os significados atribuídos ao corpo são parte de processos educativos colocados em ação nas relações sociais e na cultura.*

Palavras-chave: corpo, cultura, educação a distância.

### O QUE É UM CORPO?

corpo

cor.po

*sm (lat corpu)* 1 Tudo o que tem extensão e forma. 2 A estrutura física do homem ou do animal. 3 O tronco, para distingui-lo da cabeça e dos membros. 4 *Quím* Porção de matéria: *Corpo simples, corpo composto*. 5 Cadáver humano. 6 Parte do vestuário que se ajusta ao tronco: *Corpo do vestido*. 7 Existência real e sensível. 8 Parte principal e central. 9 Parte central e principal de edifícios: *Corpo da igreja*.<sup>2</sup>

Corpo, pequena palavra com muitos significados. O dicionário descreve o corpo como sendo tudo o que tem extensão e forma; a estrutura física do homem ou animal; cadáver humano, dentre outras denominações, quase sempre fazendo referência ao corpo biológico.

<sup>1</sup> O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

<sup>2</sup> CORPO. In: DICIONÁRIO MICHAELIS. São Paulo: Melhoramentos, 2013. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=corpo>> Acesso em 17/02/2013.

Mas será que o corpo é apenas carne? Outras significações são possíveis? Que discursos são construídos sobre ele? Que relações marcam e atravessam os corpos?

Provocados por estas questões trazemos a proposta deste artigo, que é discutir, por em questão e problematizar a construção do corpo a partir dos aspectos sociais, culturais e históricos em uma turma do curso de Pedagogia a distância da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF.

## CORPO + PEDAGOGIA + EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

O curso de Pedagogia a distância da UFJF, que compõe o sistema da Universidade Aberta do Brasil – UAB, atende hoje a 10 pólos localizados em diferentes cidades mineiras, com entradas anuais. Esta modalidade do curso de Pedagogia – UAB, teve o início de sua primeira turma em meados do ano de 2007.

Na grade curricular do curso existe uma disciplina denominada “Educação Corporal”, que é oferecida às alunas<sup>3</sup> do 8º período. O objetivo principal desta disciplina é discutir e compreender que o corpo está além dos aspectos biológicos: o corpo é uma construção social, cultural e histórica. O corpo carrega “marcas” – de raça, etnia, gênero, sexualidade, classe social, geração, religião, nacionalidade, entre tantas outras. Marcas que nos são ensinadas e que, frequentemente, se transformam em fonte de preconceitos e discriminações. E a escola tem muito a ver com isso. Na escola se produzem corpos, marcas, relações sociais, hierarquias, preconceitos. Daí a relevância desta disciplina no currículo de um curso de formação de professoras e professores.

A primeira unidade trabalhada nessa disciplina foi intitulada “Corpo, cultura e sociedade: processos educativos de subjetivação”. Nela buscamos problematizar os significados atribuídos ao corpo na atualidade, a partir das dimensões social, cultural e histórica, entendendo que os significados atribuídos ao corpo são parte de processos educativos colocados em ação nas relações sociais e na cultura.

Nossas problematizações ocorreram em um fórum de discussão<sup>4</sup> aberto especificamente para as discussões acerca da unidade 1. Nesse fórum solicitamos às alunas que lessem o texto base indicado (GOELLNER, 2008) e buscassem na internet imagens de corpos e publicassem essas imagens no fórum, associando-as com suas concepções de corpo e

<sup>3</sup> Utilizaremos o termo “alunas” para nos referir às/aos discentes, uma vez que a grande maioria da turma é constituída por mulheres.

<sup>4</sup> Fórum de discussão é uma ferramenta disponível na plataforma de educação a distância destinada a promover debates por meio de mensagens abordando uma mesma questão.

com as ideias provocadas pela leitura do texto. Durante o fórum, diversas questões e imagens vieram a tona, exigindo que o tutor<sup>5</sup> da disciplina ficasse atento em manter o foco da discussão. Nesse artigo utilizaremos como objetos de análise as postagens de uma das seis turmas que se formaram em abril/2013. A turma analisada é composta por 51 estudantes, sendo 48 mulheres e 3 homens.

Logo nas primeiras semanas em que a disciplina começou a ser ofertada, percebemos a riqueza e a potência dos relatos trazidos pelas alunas nos fóruns de discussão. Enxergamos ali a possibilidade de fazer e compartilhar pesquisas. Diante disso, entramos em um dilema: como obter a autorização das alunas para utilizar suas publicações na plataforma de educação a distância? Enviar termos de consentimento livre e esclarecido para todas as alunas da turma? Será que elas nos enviariam novamente esses termos? Essas dúvidas e inquietações passaram a rondar nossos pensamentos. Lembrando que as alunas da turma analisada residem em diferentes cidades do estado de Minas Gerais, algumas delas morando até em outros estados.

Inspirados nas leituras de metodologias de pesquisas pós-críticas em educação (MEYER e PARAÍSO, 2012), vislumbramos um caminho possível de ser trilhado. Félix (2012) em sua tese de doutorado em educação utilizou de entrevistas on-line realizadas em bate-papos virtuais como estratégia e fonte de coleta de dados para sua pesquisa. Sendo assim, criamos um fórum na plataforma de educação a distância intitulado “consentimento”. Nesse fórum publicamos um texto explicando o nosso interesse em analisar e problematizar as falas das alunas em futuras pesquisas. Desse modo, elas poderiam autorizar ou não o uso de suas publicações. Ao escrever a palavra “aceito” no fórum, a aluna estaria autorizando a utilização de suas publicações e demais atividades desenvolvidas na plataforma, além de estar contribuindo com a difusão do conhecimento acerca das temáticas sobre corpo, cultura e educação a distância. Ao escrever a palavra “não aceito”, nós não utilizaríamos as publicações da aluna, respeitando o seu direito de não querer partilhar de suas ideias. Tivemos apenas uma aluna nessa situação, ou seja, ela não autorizou a utilização de suas publicações. Sendo assim, não usaremos as contribuições dessa aluna nos fóruns e demais atividades. Trabalharemos apenas com as postagens das demais alunas que gentilmente contribuiram para a escrita desse artigo.

## DISCURSOS ACERCA DO CORPO

---

<sup>5</sup> A disciplina tem um professor responsável e cada pólo tem o seu próprio tutor, que conduz as discussões nos fóruns e demais atividades da disciplina.

O corpo é hoje uma questão. Isso significa que é resultado de discursos, de investimentos e de processos educativos. O corpo é tomado a serviço das identidades. Esses corpos tornam-se descartáveis, narrando as suas transformações pessoais por meio da construção e exposição da aparência e atestam uma definição provisória de si (LE BRETON, 2012). Ao trazer para o fórum de discussão a imagem de uma mulher tatuada, uma aluna destaca o conceito de identidade, nos conduzindo a lembrar também do conceito de diferença:

Acredito que essa imagem representa bem a ideia de identidade, principalmente por ser uma imagem que traz consigo tantos preconceitos e julgamentos, ainda nessa atualidade que se diz tão permissiva. Embora tatuagens e piercings tenham se transformado em expressão banalizada, antigamente representava rebeldia, hoje significa liberdade de expressão. E a Constituição Federal proíbe qualquer tipo de discriminação, mas na prática a coisa é bem diferente. Por que será que o corpo com essas marcas é vítima de preconceitos e julgamentos? Por que essa "liberdade de expressão" choca a sociedade? (Aluna A)

Construímos nossas identidades com nossas histórias de vida e essas identidades atravessam os corpos. As identidades não são fixas, elas são mutáveis, em constantes processos de transformação que refletem nos corpos, nos modos de ver e viver em sociedade. As identidades são fabricadas e essa fabricação está intimamente ligada à marcação das diferenças. Pensando com Woodward (2009):

Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. (p. 39-40).

As identidades nos conduzem em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2001). A diferença pode ser significada pela marginalização do outro, mas ao mesmo tempo são destacadas e valorizadas a heterogeneidade e multiplicidade presentes nela. A diferença nos convida a descobrir e encarar o outro como parte da constituição de nós mesmos. Discursos sugerem corpos que devem e que não devem ser reproduzidos na sociedade, estabelecendo uma norma a ser reproduzida e o corpo que foge dessa norma é classificado como “desviante”. Silva (2009) observa que:

Fixar uma determinada identidade como norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. (p. 83)

Ao mencionar uma “identidade normal”, caímos num sistema de classificação constituído por significados. Os significados são produzidos tendo em vista as formas de ordenação e organização das coisas de acordo com os sistemas classificatórios. Toda cultura possui suas próprias e diferentes maneiras de classificar o mundo. É por meio dos sistemas classificatórios que é possível atribuir sentidos e significados à convivência em sociedade. Os lugares que assumimos e os nossos posicionamentos constituem nossas identidades, estando em conjunto mutuamente.

A identificação é tida como um processo de articulação, que opera por meio da diferença, envolvendo um trabalho discursivo e a marcação de fronteiras atribuídas que atingem os corpos. É necessariamente porque as identidades são construídas a partir de práticas discursivas que precisamos entendê-las como produtos institucionais e históricos, constituídas ao longo dos tempos, estabelecendo uma íntima relação no interior dos jogos de poder e exclusão. Hall (2009, p. 121) lembra que “o corpo é construído, moldado e remoldado pela intersecção de uma variedade de práticas discursivas disciplinares”. Essas práticas muitas vezes se encarregam de reproduzir atos normativos regulatórios, cerceando o corpo de autonomia, criando regimes de verdade e a produção de corpos submissos a processos normalizadores. Porém, é importante destacar que os corpos também escapam e podem resistir aos processos que os disciplinam.

O corpo também é cercado de estratégias que buscam otimizar o seu rendimento. Técnicas integradas ao corpo não são mais aplicadas somente para tratar e curar, mas também para aprimorar seus desempenhos. São aplicadas a ele:

As tecnologias da informação e da comunicação se misturam ao corpo, redefinem finalmente uma condição humana tornada caduca, que deve doravante telecarregar sua última versão para poder continuar sua jornada. Elas alimentam a liquefação do indivíduo pós-moderno. (LE BRETON, 2012, p. 27)

As tecnologias não podem mais serem percebidas apenas como exteriores ao corpo. Elas vem aprimorar sua performance, misturam-se à carne, ocupam o seu lugar visando transformar o corpo em um objeto mais produtivo e eficaz. Uma aluna traz essa questão em sua fala:

E hoje em dia estamos vivendo o processo com a tecnociência de produção de "novos corpos". O termo pode até parecer estranho, mas o natural é raro hoje em dia e muitas pessoas estão se tornando artificiais e vítimas da indústria que busca um corpo "perfeito". Será que alguns corpos estão passando por um processo de edição? (Aluna B)

O corpo é concebido como território que está sempre em franca expansão, o que possibilita pensar nas suas fragilidades e potências como problemáticas a serem trabalhadas. Como uma dessas fragilidades, lembramos do controle a que o corpo é submetido e o policiamento ao seu redor. Pensando com Soares (2009):

Há uma cruzada para fazer o desejo desejar, para estimular cada indivíduo a modelar seu corpo, diariamente, a limpar as carnes de todo vício, tornando-se, assim, um policial não apenas de si, mas do grupo do qual faz parte, da casa onde habita, do local em que trabalha, da cidade onde vive. (SOARES, 2009, p. 65)

São investimentos para que os sujeitos controlem não apenas seus corpos, mas também os corpos ao seu redor, não permitindo que o outro invada seu espaço com seus vícios que podem vir a deslocar o padrão de corpo saudável e perfeito. Essas construções de saber além de serem históricas, estão estreitamente ligadas à construção do corpo na cultura.

Pensar o corpo enquanto construção cultural é pensá-lo enquanto objeto constituído historicamente, desprendendo-se do naturalismo atribuído ao corpo anatômico-biológico. É assumir a provisoriedade, os atravessamentos e as influências que cada cultura atribui a seus corpos, seja pelo desenvolvimento técnico-científico, ou seja, pelas relações de poder que ditam o que é o corpo desejado e como esse corpo deve se comportar. As imagens e as problematizações no fórum de discussão conduziram as alunas a pensarem sobre a produção do corpo: *“Estas imagens me fizeram refletir acerca do corpo como um sujeito histórico, que de tempos em tempos representa uma nova sociedade e um novo pensamento”* (Aluna C). *“O corpo é o reflexo do tempo e espaço no qual ele acontece”* (Aluna D). *“Padrões são temporários, breves e volúveis e dependem das circunstâncias (tempo/lugar) em que o corpo*

*se encontra e de como é conduzido nesse tempo/espço. Esse processo se dá a todo o momento”* (Aluna E).

O corpo não é apenas um corpo. É mais que isso. Seus limites extrapolam os muros estabelecidos pela pele. *“O corpo não é apenas ele, mas toda sua cercania. Seus entornos são permeados de compreensões incorporadas pelos significados culturais e sociais a ele atribuído”* (Aluna F).

A linguagem nos captura e nos apresenta modos de ser, viver e comportar. Os filmes, os livros, as revistas e as ações de marketing apresentam o corpo desejável, estabelecendo a ditadura da beleza e o que deve ser copiado e difundido. As alunas também problematizam essas questões:

Corpo saudável é sinônimo de corpo sarado, bronzeado, curvilíneo, barriga de tanquinho, violão... E para se conseguir um corpo assim e ser aceita, pessoas apelam para remédios e dietas que muitas vezes beiram a loucura. (Aluna G)

Há décadas atrás a mulher mais "cheinha" representava a beleza feminina. Nos dias de hoje principalmente por influência das modelos internacionais, quanto mais a mulher se aproxima da "magreza" mais elegante e maior destaque ela conquista no meio artístico. (Aluna H)

Esses dias vi uma propaganda de um barbeador masculino, onde uma mulher fazia uma caricatura de homens com barbas pelas ruas e sempre o desenho era alguma forma de deboche. Pode parecer engraçado, mas por traz dessa propaganda, mais do que um produto vem um conceito de que homem TEM que ter a barba feita ou as mulheres jamais gostarão deles. (Aluna I)

O culto ao corpo perfeito é estampado nas propagandas de bronzeadores, de roupas de banho, entre outras que utilizam modelos de corpos perfeitos. Os padrões de beleza são veiculados na mídia através das novelas, dos filmes, dos programas televisivos que falam de cuidados com o corpo. Associam a felicidade ao culto ao corpo perfeito, bem vestido, bem tratado. (Aluna J)

Essas questões também produzem o corpo. Afetam e propõem que busquemos o belo, o normal e o aceitável frente a um tempo e a uma sociedade. A indústria da beleza nos oferece um amplo espectro de produtos e serviços como cosméticos, cirurgias plásticas, tratamentos estéticos, suplementos alimentares e atividades físicas, que além do apelo consumista, propagam uma norma, um padrão de corpo a ser reproduzido constantemente. Daolio destaca: *“O homem, por meio do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração (a palavra é significativa)”* (2007, p. 39). Nesse processo, a carne assume lugar de destaque, sendo a vitrine de nosso corpo. Esse corpo

torna-se o palco onde os indivíduos viverão suas histórias, assujeitamentos e experimentações.

Os sujeitos se constituem em suas narrativas, nos seus relatos, nas suas memórias, nas suas histórias de vida e nos seus modos de ser. Nesse processo, o corpo se emociona, sofre e vibra. As palavras ditas constroem sentidos e significados e produzem realidades. Voz é corpo, e a oralidade está inscrita em nossa cultura corporal. As experiências vividas tocam e atravessam o corpo, deixando marcas de um passado. *“Ao ler o texto em cada aspecto apontado conseguia visualizar um exemplo, do que já presenciei em sala de aula ou dentro de casa com meus filhos”* (Aluna K). *“Ao ler o texto, automaticamente fui assimilando as idéias que eu já tinha a respeito do assunto”* (Aluna L). A experiência tem uma dimensão encarnada, um enraizamento corporal, que não pode ser ignorado. O corpo é quem vive as experiências e nelas engendra suas formas de vida, bem como os sentidos a ela atribuídos. Pensando com Larrosa (2002):

A palavra experiência tem o *ex* de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o *ex* de existência. A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “*ex-iste*” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente. (p. 25)

A experiência é o que nos passa, inquieta, atravessa, toca e nos acontece e ao nos atravessar marca nossos corpos e eles são recriados e transformados. Os acontecimentos estão presentes no cotidiano dos sujeitos, onde a experiência é, sobretudo um encontro com alguma coisa que se prova. A palavra experiência carrega consigo o desafio da travessia e as incertezas frente às marcas as quais o corpo está exposto a ser submetido. Marcas que provocam, colocam os corpos a questionar, mas que também os docilizam, disciplinam, abrem espaço para as transgressões e resistências.

A educação do corpo exerceu importante papel na disciplinarização dos corpos a partir do século XVIII, sobretudo utilizando-se de um conjunto de saberes e poderes, que visavam a higienização da sociedade, buscando força e vitalidade para que a nação pudesse prosperar apoiando-se em corpos viris e perfeitos. Frente a esse quadro, anatomias defeituosas seriam corrigidas, banhos de mar entrariam na rotina dos sujeitos e as práticas corporais baseadas em

atividades físicas produziram um corpo sadio, principalmente com o auxílio das diferentes práticas corporais que compunham a ginástica<sup>6</sup> (GOELLNER, 2008).

O corpo que vivemos hoje não deixou para trás os valores daquele tempo, ele apenas traduziu para a atualidade alguns conceitos como saúde, beleza e doença, atribuindo-lhes novos sentidos e significados, criando e ampliando os novos corpos que surgem rotineiramente. Pensando com Goellner (2008):

Vale ressaltar ainda que a tecnociência esteja produzindo novos corpos, potencializados pelos usos de diferentes produtos e técnicas tais como próteses, suplementos alimentares, lentes de contato, vitaminas, vacinas, drogas químicas, estimulantes, implantes, etc., o corpo ainda está sujeito a distintas hierarquizações. (p. 38)

Estamos imersos em inúmeros discursos<sup>7</sup> de liberdade e controle, divididos entre o prazer e os futuros desdobramentos desse ato prazeroso. A fabricação de indivíduos torna-se uma constante e o corpo é assujeitado, atravessado pelas teias das relações de poder. Junto ao poder disciplinar aplicado ao corpo também temos o biopoder como estratégia de controle em massa da população:

Se o poder disciplinar é uma tecnologia centrada no corpo e, portanto, um mecanismo de individualização, o biopoder aparece como uma tecnologia exercida sobre a vida, sobre a espécie e não sobre o indivíduo, constituindo-se num mecanismo de massificação. Neste aspecto, a biopolítica retoma a disciplina, integra-a, engloba-a, ressignifica-a. (SOUZA e GALLO, 2002, p. 45)

O biopoder age de forma complementar ao poder disciplinar. Esse corpo político tem como alvo no seu processo de atuação a população. Essa atuação se dá por meio do controle e acompanhamento dos corpos e de suas taxas de natalidade e mortalidade, epidemias, campanhas de vacinação, programas de seguridade social, etc. Existe todo um investimento em estratégias e políticas que disciplinam os sujeitos frente ao poder do Estado, que espera uma docilidade desses corpos.

Na escola, enquanto espaço público, local disciplinar, moderno, de educar o outro, temos exemplos trazidos pelas alunas acerca do controle dos corpos das crianças:

---

<sup>6</sup> O termo ginástica origina-se do adjetivo grego “gymnikos”, que é relativo aos exercícios do corpo e de “gimm(o)”, que se refere à ideia de nu, do grego “gymnós”: nu, despido. A palavra ginásio vem de “gumnoi”, que significa totalmente despido (GOELLNER, 2008, p.37).

<sup>7</sup> O filósofo francês Michel Foucault define o discurso como o conjunto de enunciados que provém de um mesmo sistema de formação. O discurso está constituído por um número limitado de enunciados para os quais se pode definir um conjunto de condições de existência (CASTRO, 2009, p. 117).

A educação corporal no espaço escolar... Quando se fala de corpo logo se pensa em movimento, mas na escola os corpos das crianças precisam aprender a ficarem quietos, parados, sentados, em fila, um atrás do outro, na rodinha, perninha de índio. Levantar? Só se for o dedo pra pedir pra falar. Todos olhando pra frente, o professor é o centro, onde a aula acontece, aquele que detêm o conhecimento e dita as regras do jogo. Movimento é na aula de Educação Física, pra hora do recreio (15 minutos de intervalo para lanche, ir ao banheiro, conversar, brincar, beber água). (Aluna M)

Observei que havia na escola a preocupação em orientar as crianças a terem hábitos higiênicos, como a parte bucal, havia palestras e distribuição de escovas e creme dental. Também havia a preocupação de acabar com os piolhos. (Aluna N)

As falas acima nos conduzem a pensar sobre como os corpos das crianças são produzidos nas escolas e quais são os corpos desejáveis por essa instituição. Os que esses corpos podem fazer? E o que devem evitar? As aulas de Educação Física se constituem enquanto único espaço para a movimentação dos corpos? Que Educação Física é essa citada pela aluna? Que conceito é esse de movimento? Ao trazer o corpo para ser discutido na escola, também notamos uma grande preocupação com o aspecto biológico e higiênico, conduzindo-nos a questionar se as problematizações acerca da constituição histórica, social e cultural do corpo têm sido feitas no ambiente escolar.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Durante as duas semanas em que dedicamos nossos trabalhos ao tema “Corpo, cultura e sociedade: processos educativos de subjetivação” muitas discussões foram promovidas. Essas discussões não buscaram estabelecer uma verdade sobre o corpo, longe disso. Elas conduziram as alunas a fazerem um auto questionamento, encarando as verdades enquanto construções históricas, movédis e momentâneas, em que estamos “abertos a rever, recomeçar, ressignificar ou incluir novos pontos de vista” (PARAÍSO, 2012, p. 42). Dentre os nossos objetivos, tentamos problematizar alguns binarismos, como por exemplo, certo/errado e normal/anormal, provocando as alunas a “pôr a norma em questão, discutir o centro, duvidar do natural...” (LOURO, 2008, p. 141). Como produto dessas reflexões, elencamos abaixo algumas percepções, inquietações, desconstruções e reconstruções produzidas pelas alunas no final do fórum de discussão:

- Pensar o corpo como algo produzido na/pela cultura, rompendo com o olhar naturalista sobre o qual muitas vezes ele é observado;

- O corpo não é universal, ele é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções;
- Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno;
- O corpo é um sem limites de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas;
- O corpo também é construído pela linguagem. Dizem de nós, somos capturados e produzidos;
- Investimentos da indústria da beleza e da saúde geram saberes, produtos e práticas que produzem constantemente os corpos;
- O corpo é ele mesmo uma construção social, cultural e histórica;
- O corpo jovem, produtivo, saudável e belo é um ideal perseguido por inúmeras pessoas em nosso tempo;
- A escola entra em ação na produção da educação corporal;
- A ciência permite a produção de novos corpos e a amplia seus recursos;
- O corpo não apenas recebe as ações que operam sobre ele. Esse corpo aceita, resiste, negocia e transgride a essas ações.

## SPEECHES ON THE BODY IN A DISTANCE COURSE PEDAGOGY

### ABSTRACT

*This article aims to problematize the discourses on the body of students of the Faculty of Education at a distance of a Public University. We used analysis of objects as a forum for open discussion in a course called "Education Body." In this course we seek to promote reflections that lead to an understanding of the body while building social, cultural and historical, leading to a critique of the ways the school curriculum and pedagogical artifacts is treating the body. Therefore, we devote two weeks for discussions on perspectives and representations of the body in society, thinking that the meanings attributed to the body are part of the educational processes put into action in social relations and culture.*

Keywords: body, culture, distance education.

## DISCURSOS SOBRE EL CUERPO EN UNA PEDAGOGÍA DEL CURSO A DISTANCIA

### RESUMEN

*Este artículo tiene como objetivo problematizar los discursos sobre el cuerpo de estudiantes de la Facultad de Educación a distancia de la Universidad Pública. Se utilizó el análisis de los objetos como un foro para el debate abierto en un curso llamado "Body Educación". En este curso se busca promover reflexiones que conducen a una comprensión del cuerpo mientras que la construcción social, cultural e histórico, lo que lleva a una crítica de las*

*formas en que el plan de estudios de la escuela y artefactos pedagógicos está tratando al cuerpo. Por lo tanto, dedicar dos semanas para que los debates sobre las perspectivas y representaciones del cuerpo en la sociedad, pensando que los significados atribuidos al cuerpo son parte de los procesos educativos puestos en acción en las relaciones sociales y la cultura.*

Palabras clave: cuerpo, la cultura, la educación a distancia.

## REFERÊNCIAS

- CASTRO, Edgardo. Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- DAOLIO, Jocimar. Da cultura do corpo. 12ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- FÉLIX, Jeane. Entrevistas on-line ou algumas pistas de como utilizar bate-papos virtuais em pesquisas na educação e na saúde. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, 133-152.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (organizadoras). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 28-40.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 6ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 103-133.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. 2002, nº 19, p. 20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: <[http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19\\_04\\_JORGE\\_LARROSA\\_BONDI\\_A.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDI_A.pdf)> Acesso em: 26/07/2012.
- LE BRETON, David. Individualização do corpo e tecnologias contemporâneas. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 15-32.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.
- PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Organizadoras). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2012, p. 23-45.
- SOARES, Carmen Lúcia. Escultura da carne: o bem-estar e as pedagogias totalitárias do corpo. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). Para uma vida não-fascista. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 63-81.
- SOUZA, Regina Maria de; GALLO, Silvio. Por que matamos o barbeiro? Reflexões preliminares sobre a paradoxal exclusão do outro. Educação & Sociedade, Agosto de 2002, volume 23, nº 79, p.39-63. ISSN 0101-7330. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10848.pdf>> Acesso em: 10/08/2012.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 7-72.

